

Imprensa Nacional
Biblioteca Machado de Assis



B0022626

F
940.541
C 794

DAS RELAÇÕES EXTERIORES

DIVISÃO CULTURAL

ALGUNS ASPECTOS DA AÇÃO
DA
F. E. B.

OSWALDO CORDEIRO DE FARIAS

IV

•

CICLO DE CONFERÊNCIAS DE 1949

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

F 940.548 181
F224a
v. 4 ex. 2

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

DIVISÃO CULTURAL

ALGUNS ASPECTOS DA AÇÃO

DA

F. E. B.

*Conferência pronunciada, a 27 de junho de
1949, no Salão da Biblioteca do Itamaraty,
pelo General de Divisão Oswaldo Cordeiro de
Farias, Diretor da Escola Superior de Guerra*

F 940.548.181
7224a
2x.2

B0022626

CICLO DE CONFERÊNCIAS DE 1949

SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES

A o falar nesta Casa, dois fatos de minha vida — distanciados um do outro de muitos anos — atuam fortemente sôbre mim. O primeiro ocorreu, parece-me, por volta de 1909 ou 1910. Muito menino, era eu então aluno de uma escola pública aqui no Rio; certo dia fugimos das aulas, eu e vários companheiros de classe, para irmos a um velho quartel do Exército, o 13.º Regimento de Cavalaria, na Quinta da Boa Vista, onde servia meu pai. E' que o 13.º R. C. recebia, naquela ocasião, a visita amiga de Rio-Branco. E nós crianças então, conseguimos vê-lo e ouvi-lo.

Quase 40 anos depois tive na Itália, servindo na Fôrça Expedicionária Brasileira, um novo encontro com o Itamaraty, também, para mim inesquecível.

Trepada nossa Divisão Expedicionária nas encostas dos Apeninos, tôda ela em situação de segurança precária, tal a natureza do terreno em que agíamos e a forma da luta em que nos empenhávamos, é ela, por diferentes vêzes, visitada pelo Embaixador Maurício Nabuco e pelo Ministro Vasco Leitão da Cunha. Essas visitas, Sr. Ministro e de-

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E ASSOCIAÇÃO	
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO	
NUMERO	DATA
F1162	17/8/56

mais elementos da Casa de Rio-Branco, nunca tiveram um caráter protocolar, marcadas que fôsem por um sentido de quem procura cumprir simplesmente com o dever. Não se limitaram elas ao Pôsto de Comando da F.E.B., o que já representaria bastante, pois estava êle sujeito e muito, aos fogos dos nossos adversários. Foram mais longe, muito mais longe mesmo. Quiseram aquêles representantes de nossa Pátria tudo ver, observar tudo, tomar contato com todos os elementos de nossa tropa. E afrontaram a lama e a chuva do outono, com os caminhos quase intransitáveis; a neve do inverno, os percursos a pé sôbre aquêlo terreno singular e difícil da região montanhosa em que vivíamos; a insegurança da zona visitada, os bombardeios inopinados. Para nós febianos, para quem a vida era uma cartada lançada a todos os instantes em duras jogadas, longe de nossa terra, cercados por gente amiga, é certo, mas que falava outras línguas e tinha hábitos integralmente diferentes dos nossos, o contato com Maurício Nabuco, nosso grande Embaixador, herdeiro das mais nobres tradições brasileiras e com Vasco Leitão da Cunha, admirável servidor de nossa Pátria, era como que um reencontro com o Brasil, tanto e tão bem nos fazia.

Êsses dois fatos definem e resumem o meu modo de pensar e agir em relação ao Itamaraty:

Criança — Rio-Branco me ensinou a vos admirar e querer bem. Velho — Maurício Nabuco e Vasco Leitão da Cunha mostraram quanto andara

certo o instinto do menino, consolidando assim definitivamente aqueles sentimentos, que o tempo vinha alicerçando.

“Nem o passado, nem o futuro do País, atrai entre nós a atenção pública, que descuidosa se deixa absorver na contemplação dos sucessos e dos homens do presente. Para os acontecimentos do passado — dêsse passado ainda tão recente, mas tão útil em grandes exemplos e lições proveitosas — só há esquecimento e indiferença da parte de quase todos e até escárneo e ridículo da parte de muitos”.

Foram estas palavras, êstes conceitos de Rio-Branco, escritos aos vinte anos, no seu trabalho sôbre o General José de Abreu, Barão de Serro Largo — que concorreram, por certo, para a resolução de aqui, no rol das conferências dêste ano, se incluir qualquer coisa sôbre a F.E.B., tanto e tão bem a ela se ajustam.

E andastes certo, porque a tropa expedicionária, com suas características bem nossas, é um episódio histórico que merece ser meditado e dissecado, pois nêle se podem colher ensinamentos muitíssimo interessantes para o Brasil, constituindo-se, sem dúvida, em roteiro firme para futuras e assemelhadas situações.

A F.E.B., espêlha bem o Brasil, com quase nada de planejamento, e tudo quase de improvisação.

PREPARAÇÃO

Sua organização faz-se de afogadilho e intermitentemente. Em agosto de 43 são traçadas as primeiras normas para sua estruturação e é convidado o General Mascarenhas de Moraes para comandar uma das Divisões que comporiam nosso Corpo Expedicionário, a se constituir de três Divisões: a primeira do centro, a segunda do norte e a terceira do sul do País.

Outros generais — para diferentes missões em sua estruturação — por este tempo, são consultados. Àquela época expedem-se instruções para a organização da 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária. Dois meses após é o General Mascarenhas designado para organizar a 1.^a Divisão, cujas unidades, porém, devem permanecer sob seus comandos normais. Aqui é de convir frisar-se também, que para sua constituição foram designadas e criadas unidades sediadas no Distrito Federal, em Minas Gerais, Estado do Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso.

Em 6 de dezembro de 1943, segue o General Mascarenhas de Moraes para observar o teatro de operações da Itália, de onde regressa a 30. Poucos dias antes é ele nomeado Comandante da 1.^a Divisão de Infantaria Expedicionária, que fica, desde então, sob sua responsabilidade, nos aspectos de organização e instrução; os corpos, designados para a constituírem, continuam, porém, sujeitos

aos seus comandos normais sob o ponto de vista disciplinar, já que se achavam ainda dispersos, fora do Rio.

Havia sido assentado, em principio, que em fins de maio de 1944 a tropa deveria estar pronta para embarcar para a Europa, devidamente organizada e treinada. Só na segunda quinzena de março, porém, é que a 7.^a Divisão de Infantaria Expedicionária, termina sua concentração no Rio de Janeiro.

Podeis bem compreender as dificuldades de nosso Chefe nessa fase da vida da F.E.B. Um mundo de problemas a solucionar ao lado das questões vitais de organização e de instrução.

Adotávamos uma organização completamente diferente da habitualidade usada entre nós e — consequência dessa nova estruturação e do armamento que passávamos a usar — em moldes novos deveria se processar a instrução, sem que, para isso, dispusessem seus oficiais e sargentos de uma orientação doutrinária, pois a tradução dos manuais do Exército Americano apenas havia sido iniciada. Forçoso foi improvisar Notas de Instrução e Normas de Emprêgo, extraídas daqueles manuais, para dar um pouco de homogeneidade à tropa.

O tempo de que dispunhamos para essa adaptação era incrivelmente pequeno e menor se tornava pela instabilidade dos efetivos que os rigorosos exames médicos, orientados por padrões norte-

americanos, faziam sofrer alterações freqüentes e em massa. Havia, na realidade, uma verdadeira dança de efetivos, que desorientava os comandos, prejudicando enormemente a organização e instrução das unidades. A Infantaria, sôbre quem recaí, no campo de batalha, a responsabilidade máxima das operações e cuja instrução é a mais complexa e difícil, sofria muitíssimo mais que as outras Armas, com essa mutação freqüente de pessoal, em virtude de seus grandes efetivos.

Foi séria, foi difícil, foi extremamente dura essa fase de nossa preparação no Brasil.

E ao lado dessas dificuldades especificamente militares, quanto foi grande a campanha de desmoralização que se procurou fazer em tôrno da F.E.B., nessa época. Obra da quinta coluna em nossa terra, sútil, bem orientada, quanto mal nos causou, sem que a ela nada pudessemos opor pelo desaparelhamento ou, melhor, pela inexistência de uma organização de contra propaganda. Anedotas, ditos os mais inocentes na aparência, eram ingenuamente repetidos por todos, como última e maravilhosa piada...

Lembro-me que, depois da primeira apresentação de nossa tropa à população da Capital Federal — quando desfilou ela ao longo da Avenida Rio-Branco — o Rio todo comentou nossa primeira e grande vitória militar — a ocupação da linha n.º 1

— designação da linha de ônibus que fazia o percurso da Praça Mauá ao Obelisco... E como esta, dezenas e talvez centenas de outras...

A política contra o govêrno de então, era também utilizada solertemente pelos quinta-colunas que, em boletins, aconselhavam nossa recusa a embarcar, pois não era compreensível lutarmos no mundo pela democracia quando vivíamos aqui, em nossa terra, em plena didatura.

Não satisfeitos, até questões internacionais aqui e em vizinhos nossos, foram focalizadas para nos impedir o embarque, tudo em obediência a um programa bem elaborado e melhor executado.

Não era possível isolar o soldado expedicionário dessa campanha miserável. Sofremos muitíssimo com ela e creio até que teve aí sua origem o distintivo que mais tarde usariamos na guerra. Surgiu, sem se saber como, nem de que forma, entre nossos soldados, quando ainda no Brasil, a expressão: "E' mais fácil a cobra fumar, que nós partirmos para a guerra". E como partimos e como lutamos — "a cobra fumou", — símbolo adotado pelas nossas autoridades, que transformaram a frase depreciativa em uma insígnia de honra de nossa decisão, de nosso espírito de Nação que, com firmeza havia traçado, nessa difícil emergência, um rumo fiel às suas tradições de altivez, de amor à liberdade, de auto determinação.

E assim, com uma técnica precária, sem uma preparação moral e psicológica bem orientada, partimos em diferentes escalões para a Europa, onde entramos imediatamente em combate. Nosso batismo de fogo foi a 16 de setembro de 1944 em Massarosa. E em princípio de novembro — já reunida toda a Divisão, passamos a operar no vale do Reno, ao longo da estrada que liga Pistoia a Florença.

A missão inicial que aí nos foi dada pelo Comando Americano, já era delicada. Manter defensiva mas agressivamente, uma larga frente. Preparar um movimento ofensivo na parte Norte do seu setor.

Herdamos também má situação tática e o terreno onde íamos operar, apresentava características incrivelmente difíceis. O Comando Alemão, querendo barrar o acesso à rica zona do vale do Rio Pó, apoiou-se na formidável linha dos Apeninos, principalmente a cavaleiro das estradas que se dirigem para Bolonha. As vias de comunicação que atravessam essa grande cadeia de montanhas, são forçosamente ajustadas ao fundo dos vales dos rios que desagüam no Pó, e, conseqüentemente, dominadas pelas alturas que as ladeiam. Sob esse aspecto, tirânica era a região que ocupávamos. De posse nossas tropas da estrada Pistóia-Bolonha, até 10 quilômetros além de Riola, tinha o inimigo sobre nós integral comandamento de vistas e de fogos.

Ao Norte éramos dominados pelas alturas de La Croce e Castelnuovo, além do espigão do Soprasasso, verdadeira ponta de lança em nossas posições. Ao Oeste o arco Della Vedeta — Della Torracia — Gorgolesco — Belvedere completava o sistema de cêrco, sendo que de La Torracia destacava-se pelo seu valor e situação — Monte Castello — garupão meridional desse massiço. De encostas traiçoeiras menos escarpadas, Monte Castello, comportava-se como um baluarte de valor no conjunto Belvedere-Torraccia e sua conquista, precedida da de Belvedere-Gorgolesco, reforçaria de muito a ação sobre Torracia.

Eis aí a fisionomia geral de nossa frente que era, em verdade, singularíssima. Disposta nossa tropa pelas encostas das elevações que lhe dominavam totalmente as posições, olhávamos o inimigo de baixo para cima. Nossa linha de comunicações era, em grande parte, paralela à frente de combate e não podia escapar à observação alemã. Todos os P.C., a começar pelo do General Mascarenhas, eram sistematicamente batidos pela artilharia inimiga, e às vezes, até por tiros diretos de tanques, inopinadamente, surgidos nas cristas das montanhas que abraçam aquela região. O conjunto dos Apeninos era tal que tínhamos posições só acessíveis por estradas normalmente ao alcance das armas automáticas do adversário.

Nessa região passamos cerca de seis meses. Aí suportamos um outono, com chuvas fortes, perma-

quentes, irritantes, e onde, fora das estradas principais, a lama atingia o joelho de nossos homens. E tivemos um inverno, com temperatura até 18.º centígrados abaixo de zero, e onde a neve, em camada espessa, impedia todo movimento importante fora das vias pavimentadas.

Nessa zona, além das atividades normais de uma frente em contato cerrado com o inimigo — bombardeios sistemáticos com morteiros e artilharia, patrulhamento ativo, golpes de mão feitos por nós e por nossos adversários e que eram acontecimentos de todos os dias — empenhamo-nos em operações ativas por diferentes vêzes. São os combates fracassados de Monte Castello em 24, 25 e 29 de novembro e 12 de dezembro, em que nossas baixas atingem quase a casa do milhar. No fim do inverno, é o combate vitorioso de Monte Castello, a 21 de fevereiro, seguido pelos sucessos de La Serra e cota 958, de 23 a 25 dêsse mesmo mês. Depois é Castelnuovo que a 5 de março cai em nossas mãos, encerrando-se com sua conquista a série de operações preliminares a cargo de nossa Divisão, para a ofensiva geral da primavera, que iria terminar com a luta na Itália. Mais desafogados agora, em posições bem mais favoráveis, prepara-se nossa tropa para sua última arrancada. E ela se inicia de forma ultra-violenta com os combates de Montese-Montebufone-Montelo, de 14 a 18 de abril. Custaram-nos essas posições mais de

400 baixas, tendo nossa artilharia atirado mais de 21 mil tiros.

E para se avaliar a intensidade dêsses encontros, basta dizer que Montese, um insignificante povoado montado em um maciço, depois de haver caído em nossas mãos, recebeu da artilharia alemã mais tiros que o restante da frente de todo o IV Corpo Americano, composto de quatro divisões!...

Após, é o início da exploração de êxito, consequência do rompimento da linha alemã dos Apeninos. A Infantaria transportada pelos meios auto da artilharia, faz lanços fortes, verdadeiras pontas de lança no já desmantelado organismo alemão.

A 26 de abril é pelo nosso Esquadrão de Reconhecimento estabelecido contato com o inimigo na região de Colechio e a 27, unidades da Infantaria reduzem, nessa cidade, uma forte resistência inimiga.

Sabe-se então, por informações de prisioneiros, que uma grande coluna inimiga procura, por essa região, atingir o vale do Pó. E para essa zona, sem perda de tempo, são enviados reforços em Infantaria e Artilharia. Nossa tropa, em manobras de duplo envolvimento, atinge rápida e vigorosamente as cercanias de Fornovo. Combate-se na noite de 27 para 28 e durante todo o dia 28. Uma intimação para cessar a luta é mandada ao Comandante Alemão que nos envia seus parlamentares às 22 horas dessa jornada célebre.

Na madrugada de 29 são estabelecidas as medidas essenciais para a entrega incondicional da coluna inimiga, e na manhã dêsse dia tem início a rendição. E' tóda uma grande unidade, a célebre 148 alemã e mais elementos da 90 Panzer e duma Divisão Italiana. E' a 148 a única Divisão aprisionada antes do armistício geral. Seus componentes, em grande parte são veteranos do "Africa Korps". 14.779 prisioneiros, entre os quais o General Alemão Otto Fretter Pico e o General Italiano Mario Carloni. Forte cópia de material.

Encerravamos, assim, extraordinariamente bem, a campanha da Itália.

A 30 de abril estávamos em Alessandria e a 2 de maio em Susa, perto de Turim, a tropa brasileira faz junção com elementos avançados do Exército Francês, que haviam atravessado os Alpes. Nesse mesmo dia à noite, o Comandante do IV Corpo comunica, que no teatro de operações da Itália a luta estava finda com a rendição total das fôrças alemãs.

O HOMEM

Foi a nossa tropa composta, na sua generalidade, do homem de tipo médio brasileiro. Nada de uma representação exponencial de nossa gente. Talvez até pelo contrário. Nela, a base, numa mescla bem nossa, era constituída pelos tipos do ma-

luto, do gaúcho e do sertanejo. Pretos e brancos, letrados e analfabetos.

Não teve nosso soldado no Brasil, como já acentuamos, um treinamento técnico completo, nem sua preparação moral e psicológica foi feita com acabamento indispensável. Na Itália, por circunstâncias especiais de momento, como era normal para tódas as tropas, não teve o soldado brasileiro um período de adaptação e de instrução complementares, antes de entrar em combate. Foi êle, mandado para a frente logo após receber o armamento indispensável. Suas primeiras ações foram em pelejas duras e em circunstâncias adversas: debaixo de chuva, forte cerração e em terreno montanhoso, a que não estava habituado. Sofreu, de início, fortes revezes. Teve contra si um clima que lhe era desconhecido e foi preciso que se adaptasse a um sistema de alimentação bem diverso do seu.

Era natural, era admissível mesmo, que nessas circunstâncias nosso homem fracassasse. Isto, porém, não aconteceu. Reagiu êle bem a tudo. Pequeno, feio, sem porte marcial, aparentemente indisciplinado; seu poder de reação, sua plasticidade, sua vivacidade, sua resignação e espírito de sofrimento foram tais que enobrecem nossa raça em formação. Os claros abertos, diariamente, em suas fileiras, não lhe arrefeceram o ânimo e seu ardor combativo nunca ficou aquém do de seus companheiros dos outros exércitos aliados.

E sob o ponto de vista sanitário e psíquico — as estatísticas revelam que nosso homem, ficou, comparativamente, em boa situação no cotejo com seus camaradas das Nações aliadas.

Pelo esforço dispendido, pelas qualidades reveladas, pelo bom desempenho de sua missão, é o expedicionário comum digno de todo nosso interesse e respeito.

Acompanhando-o com cuidado no após guerra, sinto que ponderável parte sua é constituída, hoje, de inadaptados à vida normal.

Esse fenômeno é uma das conseqüências dos conflitos armados e dêle vem sofrendo, em graus variados, todos os beligerantes.

No caso particular do Brasil, o mal surge agravado pela educação e sentido de vida da massa de nossos expedicionários, não preparados para a guerra.

Vivendo êles no interior do País, presos ao seu chão, sem viajar, num labor calmo e sem ambições, sem noção do ambiente do mundo e com um conhecimento muitíssimo restrito dos próprios fatos nacionais, são de um dia para outro, transformados em soldados.* Dão-lhes uma série de instruções técnicas, ao lado de questões de ordem geral — simples embora, mas muito variadas. De um momento para outro são embarcados, êles que nunca atravessaram a baía do Rio de Janeiro, em um navio que, escoltado fortemente por vasos de

guerra, ruma para Europa. Quinze dias de mar grosso. A vida de bordo é de disciplina rígida e o enjôo completa o sistema em que êles vivem. O salva-vida constitui peça inseparável do corpo porque o torpedeamento é possível. O escurecimento total do navio é, à noite, a regra inflexível. Exercícios de abandono de embarcação. Comida parca, pois o navio está superlotado. Depois é a frente de combate. Duros encontros. Os companheiros que desaparecem. As notícias de casa que não chegam. A terra em que vivem: idioma, alimentação e clima diferentes. O ferimento e a morte sempre os espreitando. No fundo, não compreendem com segurança a razão e os motivos de tôdas essas mudanças... Com a terminação da guerra voltam para o Brasil. São recebidos entre aplausos. Em sua pequena cidade chegam como heróis e triunfadores.

Mas o mundo continua e devem retornar, em conseqüência, sem maior tardança, à vida normal, o que não é fácil, nada fácil para muitos que, fracos psiquicamente, sentem sôbre êles atuar a série infinda das impressões fortes recebidas. Tornam-se uns desambientados, uns inadaptados que não sabem o que querem, nem o que fazer, e dessa forma devemos compreendê-los e tratá-los. Ficaram assim pela Pátria e ampará-los com nosso auxílio, é simplesmente um resgate pequeno, do muito que pelo Brasil fizeram.

A 1.^a DIVISÃO DE INFANTARIA

A Fôrça Expedicionária Brasileira, como conjunto, como tropa representativa do Brasil, teve uma atuação, que não desmerece de nossas tradições. Sem os lances heróicos, apregoados pelo exagero dos menos avisados e que a guerra moderna só em circunstâncias especialíssimas permite, mas também e principalmente, sem ir fazer na Europa um simples ato de presença como assoalharam, e ainda apregoam os eternos derrotistas, nossa tropa soube cumprir, e bem, tôdas as missões que lhe foram confiadas. E é de se ressaltar que, por imperativos do momento na frente Italiana, tarefas lhe foram dadas bem acima de suas possibilidades. E recebeu até missões votadas a um fracasso certo, como os ataques de novembro e dezembro a Monte Castello, compreensíveis e necessários, entretanto, para obtenção de um alto objetivo militar de conjunto, embora lhe acarretassem pesados sacrifícios. E assim, nesses reveses, por paradoxal que pareça aos leigos, a contribuição da nossa Divisão para o êxito geral das operações nos Apeninos foi grande e de alta valia.

Depois, quando das operações de fim do inverno e da ofensiva final da primavera, em que as missões recebidas, embora de grande complexidade, estavam acordes com seus meios — só conheceu o sucesso. Sem uma jornada de descanso, esteve na frente 239 dias. E basta examinarem-se

as perdas brasileiras — daqueles que ao se sacrificarem pelo nosso bem, inscreveram-se para sempre na nossa gratidão — 2.000 baixas em ação e mais de mil em acidentes decorrentes do serviço em campanha — para se concluir do esforço da FEB e de como a fundo se engajou para, nos campos da milenária Itália, bem representar nossa Pátria.

O CHEFE

A situação de comandar uma simples Divisão (naturalmente com órgãos de repletamento e serviços de retarguarda) trouxe para o nosso Chefe, o Marechal Mascarenhas de Moraes, problemas bem difíceis.

Não podendo intervir, pela pouca expressão da tropa sob suas ordens, na condução geral das operações, nelas tinha, porém, uma tríplice responsabilidade: perante o Comando Americano, junto a quem respondia pela atuação da F.E.B., perante nossa tropa pelas missões recebidas e, finalmente, perante nosso Govêrno como supremo mandatário de nossa fôrça expedicionária.

Essas circunstâncias acarretaram-lhe, por vêzes, questões bem embaraçosas. Com o Comando Americano, apesar do verdadeiro espírito de fraternidade que nos unia, ou por isso mesmo, por divergências de pontos de vista técnico, em diferentes ocasiões o âmbito era meio *black-out*.

Junto à nossa Divisão, a responsabilidade do comando era sempre séria, mórmente quando as missões iam além das nossas possibilidade. Compreensíveis essas tarefas para os elementos mais responsáveis de nossa fôrça, para seu Chefe tornavam-se incrivelmente constringedoras, de vez que para a tropa seu custo em baixas era sempre muito caro.

Com o nosso Govêrno, sua responsabilidade, além de ser uma resultante das duas primeiras, era uma conseqüência lógica da sua missão acrescida sempre pelo integral isolamento do Brasil em que se vivia, e ampliada pela falta de instruções de nossas autoridades que lhe não podiam estar a par dos graves problemas e das sérias necessidades.

Venceu magnificamente tôdas essas difficuldades o nosso Chefe, como venceu galhardamente o seu físico, êle, o mais velho dos Generais do teatro de operações da Itália e cuja atividade era tal, que tudo pessoalmente observava e a tudo providenciava, na frente, na extrema frente e na retaguarda larga, pois do norte da Itália até Napoles se estendiam nossos serviços.

Culto, modesto, valente e digno, considero como um dos privilégios a mim concedidos pelo destino, ter sido seu comandado na campanha da Itália.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A Fôrça Expedicionária Brasileira foi simplesmente uma parte de nosso esforço militar na se-

gunda guerra mundial. À sua ação junta-se em sacrificio, em honrosa e parelha conduta, a do 1.º Grupo de Caça da Fôrça Aérea Brasileira que lutou nos céus da Itália. Entretanto, mais felizes que ela, tiveram os nossos aviadores um longo, útil e acertado período de organização e de treinamento nos Estados Unidos e na zona do Canal do Panamá. Foram lutar na Itália já senhores do excelente material de que dispunham e que souberam empregar com valor, desprendimento e estoicismo.

Há ainda mais, muito mais.

O Nordeste Brasileiro e Fernando de Noronha, quando da situação duvidosa da África, desempenharam no sistema defensivo do Continente Americano um papel relevante. Nossos elementos encarregados da segurança dêsse setor, vencendo uma série infinda de tropeços, desde o seu deslocamento para essa zona até a própria subsistência, passando pelo aquartelamento e pelas comunicações entre os vários núcleos de vigilância e defesa, tiveram na luta um papel marcante. Nossos marinheiros e nossos aviadores, uns e outros sem meios adequados, souberam vencer todos os óbices levantados ao cumprimento da missão árdua e quase impossível de que estavam incumbidos, vigilância e segurança do nosso litoral e escolta para nossos comboios, permitindo pelo seu esforço e compenetra-

ção do dever, o tráfego marítimo de cabotagem em mais de 7.000 quilômetros de costa.

E não nos esqueçamos de Trindade e do restante de nossas costas, também tôdas elas guardadas.

Ao lado dessa atuação militar — o drama ou tragédia da batalha da borracha, a campanha dos materiais estratégicos, a luta em todos os setores econômicos necessários ao esforço de guerra, nosso e dos nossos aliados, a epopéia dos nossos bravos marujos da Marinha Mercante — tudo isso enfim e o que se fez em outros setores, como o da campanha contra o perigo alemão no Brasil, que, hoje, sob formas várias e com aspectos novos, vem-se reanimando e que deve merecer uma especial atenção do governo, completam o quadro do papel de nossa Terra e de nossa Gente na hecatombe de 39-45.

Pode ter sido êle desorientado, sem planificação, sem uma orientação firme. Pode o nosso auxílio ter sido até negativo em alguns aspectos, mas a verdade é que, conscientemente, com espírito de decisão, fomos à guerra no momento exato em que a sorte das armas favorecia, em todos os teatros de operações, à Alemanha, ao Japão e à Itália, e nela não regateamos esforços, tudo dando, de corpo e alma, inclusive jogando nosso futuro como Nação livre.

Passada a tormenta — talvez pelo desalinho, pela gravidade, pela tensão da situação internacional — nosso esforço, que foi muito grande nos dias

difíceis e imprevisíveis da guerra, parece ter sido esquecido ou pouco compreendido pelos nossos companheiros de jornada. E' verdade que não fizemos acôrdos no sentido de trocar o que demos nas horas calamitosas do conflito, por compensações materiais no momento da vitória, ainda duvidosa quando reagimos, em 1942, às afrontas recebidas, mesmo porque fomos à guerra por imperativos cívicos, pela índole e sentimentos de nosso povo, pela nossa dignidade e consciência de Nação livre. Mas nas horas difíceis é que os povos, como os indivíduos, conhecem a lealdade, e podem pesar a confiança de suas relações, deduzindo, de outro lado também, dêsse comportamento, no mundo de egoísmo de nossos dias, o modo de agir das diferentes nações no amanhã, se surgirem outros dias sombrios.

Política exterior é senso de objetividade, baseado em princípios de idealismo orgânico. Compreender o que foi nossa contribuição, auxiliando-nos para que melhor preparados estejamos para o futuro que, infelizmente, parece carregado de negro preságio é, o passado o confirma, obra de visão que nossos antigos e queridos companheiros de duras pelepas devem fazer. E' de nosso interesse essa política, mas também não deixa de ser do interesse dêles.

Examinando-se a história dêsses dias, tem-se que concluir, de outro lado, que dessa incompreensão e falta de apôio no após guerra — grande

culpa nos cabe. Antes de partir a F. E. B. para a Itália, no dia em que Oswaldo Aranha deixou a direção do Itamaraty, aqui e no Palácio Guanabara, estive por diversas vezes, numa tentativa fracassada de vê-lo continuar à testa de nossos Negócios Exteriores. Recordo-me haver-lhe dito, com a intimidade que nossas relações permitem, que poderia êle ser substituído por gente de seu porte e de sua significação, mas por melhor e mais credenciado que fôsse o novo Ministro — reputava um mal para o Brasil sua saída da Casa de Rio-Branco. Era de qualquer forma uma solução de continuidade que se dava no trato de nossas questões exteriores e justamente no momento em que a paz, com todo seu cortejo de obrigações é compromissos, se estava processando, pois não havia mais dúvidas sôbre a vitória militar dos aliados.

E, continuava dizendo, que por mais impessoal que fôsse o trabalho do Itamaraty, não acreditava deixasse êle de ser influenciado em percentagem muito forte pela ação pessoal de seu Ministro, principalmente quando êsse Ministro era um Oswaldo Aranha.

Mas, esquecido o Brasil que esta Casa tem de viver fora e acima das paixões internas, que seus elementos, para poderem falar alto e com segurança fora de nossa fronteiras, têm de ser apoiados por tôdas as correntes políticas, a substituição se processou e para lugar do Ministro resignatário veio o nosso saudoso e ilustre Embaixador Leão

Velloso, meu amigo também, mas sem competência legal até para ser ouvido, pois sua nomeação havia sido feita para ministro interino... E assim, senhores, a paz quando foi delineada, antes da cessação das hostilidade, dela moralmente esteve ausente o Brasil.

Perdoem-me essa intromissão em assuntos que apenas se ligam ao tema que me destes. A êles fui arrastado pela preocupação com o futuro de nossa Terra — rumo, objetivo, finalidade de vosso trabalho de todo o dia.

Agradeço-vos — como soldado — a honra que me conferistes de falar-vos nesta Casa, onde se tem elaborado uma parte maravilhosa da História do Brasil. E quando, em 1942, vencidos no vosso labor de paz, descansastes as armas e nos entregastes a tarefa de velar pela dignidade de nossa Pátria — ao lado de Caxias, guiando-nos para a vitória, sentíamos a figura do nosso imortal Chanceler no seu entranhado amor à nossa Terra.

E, — terminado o choque dos exércitos em luta — ao restituir-vos a responsabilidade pelo nosso prestígio no exterior, nós o fizemos, graças a Deus, com a tranqüilidade do dever cumprido e certos de que, pelo menos naquele momento e naquelas circunstâncias, havia sido uma realidade o ideal de Rio-Branco de possuir o Brasil fôrças armadas capazes de garantirem, em cruel emergência de guerra, o nosso caminhar de povo pacífico, mas cioso de seus direitos.

1949

Departamento de Imprensa Nacional
Rio de Janeiro - Brasil